



MELUSINA JUNTO DA FONTE.

MELUSINA.

Tradição extrahida das chronicas do Poitou. ()*

REINAVA na Albania [ha que tempos isto vai] um prin-

(*) O Poitou era uma provincia e governo militar da França antes da revolução: hoje está principalmente comprehendido nos departamentos de Vienne, Vendée e Deux-Sèvres. — O conto que trasladamos servirá para provar que em toda a parte do mundo ha quem creia em encantamentos e bruxas.

VOL. V. MARÇO 6. — 1841.

cipe, quasi desconhecido dos historiadores, posto que as suas desgraças fossem dignas de memoria. Elinas se chamava; e poderoso e respeitado numerava muitos vassallos, soberbos castellos, opulentas cidades: visitava a miudo os seus estados, porque folgava de vêr como em seu nome era administrada a justiça. Certo dia, em que no acostumado giro discorria pelas provincias, veio-lhe uma mensagem, de que era portador acelerado o principe Nathas, filho seu do primeiro matrimonio. E tal foi a mensagem que o

príncipe tomou logo o caminho da capital dos seus dominios. Era o caso que a rainha dera á luz d'um só parto tres princezas, todas extremamente bellas, ás quaes pozeram os nomes de Melusina, Melior e Palatina. Quando o príncipe pressuroso acudiu a vêr e abraçar a sua prole, esqueceu-se da solemne promessa que fizera a sua esposa no momento da benção nupcial; juramento funesto, e que nos obriga a tomar de mais alto o fio desta historia. — Elinas, viuvo do primeiro matrimonio, procurava nos divertimentos affogar a sua dôr. Em certa manhã, fazendo uma caçada, casta de exercicio, muito da sua paixão, perdeu-se em meio de brenhas: devorava-o abrasadora sêde, mas a sua benigna estrella o guiou ao pé d'um manancial d'aguas serenas e cristallinas. Apenas chegado á beira da corrente ouviu uma voz suave e melodiosa, que parecia sahir do fundo da fonte, e inclinou-se para se certificar: eis que uma mulher, tão linda como brilhante aurora, com modos graciosos lhe apparece, como por encantamento. Pasmado de semelhante apparição, o rei da Albania fica immovel por instantes, mas recobrando-se do primeiro assombro, dirige á misteriosa pessoa algumas palavras de affecto e cortezia. Inda as não concluia, e já um pagem, trazendo á mão um cavallo soberbamente arreado, caminha para o lado de *Pressina* [assim se chamava a formosa incognita] e lhe diz: — «Nobre senhora, tempo é de partir, se vos apraz.» — E sem mais demora aquella tão amavel creatura se despede do monarcha, e parte veloz como a centelha electrica.

Eram taes os attractivos de *Pressina*, que não pôde Elinas separar-se d'ella, esquecendo-a; pelo que despedindo logo a sua comitiva, que ao mesmo tempo se lhe reunira, affoutou-se na pesquisa da que lhe roubára o pensamento. Com muito trabalho veio a descubri-la no centro da floresta. — «Bella senhora [lhe disse] não podereis, isenta de perigos, continuar o caminho pela bastidão das selvas; avizinha-se a noite, e muí longe vos achareis do povoado. Se consentis em recuar, tereis daqui perto, em meu palacio, segura e commoda pousada.» — Consumido muito tempo em repetidas sollicitações, *Pressina* a final accitou o convite do príncipe. Esplendido foi no paço o recebimento da recém-chegada, e a estada da hospede prolongou-se por mais d'uma noite. Elinas, perdido de amores pela desconhecida, revelou-lhe a sua viva paixão, *Pressina* annuiu, e contrahiram solemnes desposorios, mas debaixo da rigorosa condigão, posta pela noiva, que seu marido a não visitaria, nem procuraria fallar-lhe em quanto durassem os dias do tratamento consecutivo ao parto. Desta condigão, deste juramento, se não lembrou Elinas, tomado de subita alegria pelo annuncio da nova progenie. Ao vêr entrar o príncipe, não pôde sua mulher reter a colera e o sentimento: — «Perjuro! [lhe bradou, mostrando-lhe as tres filhas] assim é que és fiel ás tuas promessas? . . . Sobre ti cahirá o castigo.» — E desappareceu instantaneamente com a sua nova linbagem.

Não é possível descrever a desesperação d'Elinas neste fatal momento; uma doença, raladora como a tísica, se lhe entranhou no corpo; absorto em contínua melancholia, não curava de si nem dos negocios, a ponto que os subditos lhe tiraram a corôa e a pozeram na cabeça de um filho que tinha. No entanto *Pressina*, com as tres filhas, se havia recolhido á ilha *perdida*, chamada assim porque ninguem a pôde reconhecer ou novamente descobrir, ainda que uma vez lá fosse parar.

Terá o leitor percebido que a misteriosa mulher era uma fada, cujo poder magico fascinára os olhos

de Elinas: e se não queria que este a visse no periodo defendido era porque no nascimento e enfaxamento das fadas se observavam praticas maravilhosas, que só os entes da mesma classe podiam vêr e eram vedadas a olhos prophanos. — As tres princezas ficaram na ilha perdida até a idade de quinze annos: todos os dias sua mãe as levava ao cimo d'uma alta serra, donde se avistava a Albania, e lhes dizia, chorando: — «Filhas, vêde aquelle formoso paiz, vosso pai empunha o sceptro que o rege; alli vivireis felizes se o infeliz monarcha não tivesse perjurado!» — Tantas vezes foram estas palavras repetidas que nas donzellas nasceu a curiosidade de as entender completamente, de saberem o successo que lhes dava motivo. Melusina, a que primeiro sahira á luz do dia, alcançou que sua mãe lh'o contasse, e o mesmo foi dizer-lh'o, que logo o saberem suas irmãs, e pensarem todas no meio de vingar a affronta que sua mãe recebêra: tiraram informações do caminho para a Albania, foram lá, arrebataram Elinas e o encerraram por encantamento no seio d'um grande monte. Voltaram depois a contar a *Pressina* a vingança que effectuaram. — «Desgraçadas que sois! De que delicto vos fizestes culpadas! [exclamou a misera lavada em pranto]. Não cessava eu d'amar vosso pai, posto que infringira o juramento. Tu, Melusina, és a mais indigna de perdão, encaminhaste ao crime tuas irmãs; em pena de tua maldade todos os sabbados te converterás em serpente, ficando só com o rosto e meio corpo de fôrma humana: se porem encontrares algum cavalleiro que contigo queira casar e que te prometta não chegar á tua presença naquella dia, viverás e morrerás como outra qualquer pessoa mortal. Sahirá de ti uma poderosa descendencia que reinará sobre muitas nações. Todavia se, por infelicidade, o teu marido violar o juramento, recahirás nas primeiras angustias até o extremo dia do mundo. A cada mudança de senhor de qualquer castello, que por encantamento poderás construir, por tres dias apparecerás exhalando magoados suspiros, e o mesmo observarás quando morrer algum varão da tua familia.» Tristes predicções fez a mãe a Melior e a Palatina; e as tres irmãs se separaram cada uma levando seu caminho. Melusina demandou bosques inacessiveis a humanos pés e reuniu-se á companhia das fadas, e veio por ermos e espessuras até o territorio da França. Vagueava um dia pela selva de Colombière no Poitou, e de fatigada assentou-se junto d'uma fonte, de sociedade com outras fadas. Occorreu andar caçando na mesma floresta um fidalgo mancebo, por nome, Raimondino, terceiro filho do conde Forest, e sobrinho de Aymerico, conde de Poitiers; e nessa occasião chorava abundantes lagrimas e corria pela densidão da matta como louco, porque por engano, perseguindo um feroz javali, matára seu tio Aymerico, grande astrologo, no mesmo momento em que este lia nos astros que um subdito, que havia matar o seu soberano, viria a ser cabeça de uma familia poderosa, de quem o mundo fallaria até a vinda do antechristo. Raimondino, desvairado, veio dar á fonte, ao pé da qual Melusina estava assentada. O povo dos arredores chamava a esta nascente, segundo a tradição, a fonte das fadas, e por corrupção das palavras do primitivo francez, se denomina hoje da *sêde*. Não ha dois seculos que pelo meado de Maio se fazia neste sitio uma feira em que se vendiam figurinhas de mulheres, especie de bonecas brutescas, a que chamavam *merlusinas*.

A filha de *Pressina* travou do braço ao desconso-lado mancebo e procurou reanima-lo no desalento em que o via. Raimondino quiz occultar quem era e a

desventura que lhe succedêra; porém ficou espantado quando Melusina lhe fallou pelo proprio nome, mencionando-lhe as circumstancias do lamentoso acontecimento, que o affligia, e dizendo-lhe: — « Não temais, nem me julgueis phantasma ou agente de combinação diabolica: lembrai-vos que, poucos minutos antes da sua morte fortuita, leu vosso tio nos astros toda a vossa historia — », O cavalleiro creu que a divindade cumpriria a predicção do seu parente; e tamanho agrado achou na conferencia com Melusina que propondo-lhe esta casamento, com promessas de o livrar de imputações, promptamente acquiesceu. Não passou a fada pelo alto a prohibição de ser vista pelo marido no dia de sabbado, e o mancebo se lhe submetteu, sem indagar o mysterio. Recolheu-se Raimondino ao castello do conde de Poitiers, contou que fôra mortalmente derribado seu tio por um javali furioso; e ninguem suspeitou do caso, diz o chronista, porque a influencia do saber das fadas auxiliou a mentira.

Quando em Poitiers tratavam todos de saudar o novo suzerano, Beltrão, filho d'Aymerico, voltava Raimondino ao bosque de Colombière a visitar a sua noiva: julgai como ficaria admirado, descobrindo uma capella construida ao pé da fonte, onde nunca existira edificio, e numerosa sociedade de cavalleiros e damas em sitio reputado êrmo; appareceu logo um creado que o conduziu a um mirante onde o esperava a desposada. Depois de sumptuoso banquete, ao despedir-se Raimondino de Melusina, lhe disse esta: — « Lembrai-vos quando estiverem juntos os barões a cumprimentar vosso primo, Beltrão, de pedir a posse do rochedo em que está este mirante, e de todo o terreno em redondo, que poder ser abrangido pelas correias que se fizerem do couro de um veado. — »,

Sem difficuldade obteve o mancebo a concessão do rochedo e do espaço adjacente como fôra designado; porém as correias da pelle do veado fecharam circularmente uma extensão de mais de duas leguas, com grande espanto dos espectadores e maior alegria de Raimondino. Celebraram-se em breve os desposorios d'este cavalleiro com Melusina, que, assim que appareceu, logo todos souberam que era filha do rei da Albania. Felizes correram os primeiros annos desta conjugal união cumprindo o marido o preceito de não apparecer á esposa no dia de sabbado, como estava convencionado: sobre a famosa rocha levantou-se uma fortaleza inexpugnável, e com tal presteza se rematou a obra, concorrendo obreiros de toda a parte que muita gente pensou haver nisso algum prodigio. Deu-se á praça o nome de Lusineem, que era o annagramma de nome do Melusina, e alem disso em albanez significava, *cousa maravilhosa*: dahi a alguns tempos o povo que se foi junctando e erguendo casas ao redor do castello lhe começou a chamar Lusignan, e este nome lhe ficou e ao condado que herdou a familia de Raimondino, o qual, tendo crescido a povoação, se appellidou conde de Lusignan. O primeiro filho de Melusina teve o nome de Guido; em todo o corpo era bem feito, á excepção da cara mui larga e das orelhas desmesuradamente compridas. Cumpria-se no entanto o vaticinio de Pressina, augmentando-se cada vez mais o poder do conde Raimondino, que ajudado pela diligencia e grande saber da sua Melusina alargou seus dominios, edificou cidades, e fez vantajosos tratados, por maneira que se fez poderoso e temido dos principes e senhores, cujas terras com as delle confinavam. No centro destas venturas veio accommette-lo a desgraça, a que por sua imprudencia deu cabal motivo. Entraram-lhe no animo pungentes suspeitas ácerca da honra e fé conjugal de sua mulher, lembrando-se do recolhimento do dia sabbado; ac-

crescia para lhes dar mais importancia o sabirem todos os filhos de Melusina com algum defeito de organização, ou forma exterior, sendo aliás todos formosos. Instigado o conde pelo ciume resolveu-se a levantar o véu do mysterio, e demandando o quarto do palacio onde Melusina ao sabbado se occultava á vista humana, ficou desesperado encontrando uma porta ferrea, que lhe era impossivel arrombar: descobriu todavia uma fresta por onde pôde espreitar, e summo foi o seu espanto quando em um pequeno lago de marmore, assentado no meio da camara, divisou uma figura de mulher, banhando-se, mas com meio corpo de serpente, assim como as sereas tinham meio corpo de peixe, apesar de conservarem o vulto humano. Raimondino reconheceu a sua chara Melusina e desfallecendo-lhe o coração quizera não ter perscrutado o horrivel segredo: retirou-se portanto afflicto para o seu quarto; e á meia noite, hora pontual em que se quebrava o fadario da infeliz, sua esposa o veio procurar, mas ao alvorecer desapareceu subitamente. O conde, repassado de vehemente dôr, a procurou por todos os recantos do palacio até que foi dar com ella estendida sobre o pavimento de um solitario e obscuro camarim, com todos os symptomas da mais violenta angustia: e quando lhe dirigia affectuosas palavras, tentando ergue-la nos braços, viu escoar-se-lhe das mãos aquelle vulto, e olhando para o ar ouviu que uma serpente com azas lhe repetia estas palavras: — « Violaste o teu juramento, perjurio que me abisma em agonias que só com o mundo terão acabamento. Raimondino, antes de partir annunciarei teus destinos; sabe que teus successores não gosarão em paz os teus dominios; sustentarão os teus herdeiros guerras temerosas, e só, depois de muito tempo, Goffredo, que será o mais valente dos homens, remirá a affronta, que me fizeste. » — Disse, e embocando por uma janella sumiu-se no azul da atmospheria. Melusina escolheu para retiro as famosas cavernas de Sassenage, uma das sete maravilhas do Delphinado, que os camponeses ainda hoje temem devassar: dalli, segundo a tradição, exhala magoados e retumbantes gemidos todas as vezes que morre algum senhor da familia de Lusignan, ou que a maravilhosa fortaleza muda de governador.

Tal é o conto de fadas, que a gente rustica e chaã dos departamentos de França, em que se divide o antigo Delphinado, (::) ainda acredita e singelamente repête.

INFLUENCIA DA RELIGIÃO NO PROCEDIMENTO DO HOMEM.

QUEM acreditar no testemunho dos seus olhos, na lealdade dos seus pensamentos, e nos proprios sentimentos e convicções, não pôde deixar de firmemente crêr na existencia de um Deos, senhor e creador de quanto vemos. — Toda a natureza proclama esta verdade divina, sendo o conhecimento de Deus e da sua omnipotencia um objecto da maior importancia para os espiritos sensiveis e reflexivos. Chama-se a esta virtude *piiedade*, e procede immediatamente da religião, da qual derivam todas as honras e venturas, por ser ella a mãe de toda a excellencia moral. Sem o conhecimento de Deus, e um devoto acatamento ao bemfeitor universal, o homem trilhando só a estrada

(::) O Delphinado, um dos districtos mais montanhosos da França, forma hoje os tres departamentos do Isère, do Drôme e dos Alpes superiores. Não obstante a nova divisão de territorio ordenada por lei, prevalece ainda a denominação antiga.

do erro não goza as consolações da virtude, nem aquella tranquillidade em que assenta o edificio do perfeito bem.

As salutaes doutrinas do christianismo, explicadas por inspiração divina na Sagrada Escripura, estão felizmente disseminadas entre nós: — assim nós, respeitando-as, nos submettâmos com zêlo e efficacia aos seus preceitos, amando cordialmente a divindade que as proclama e cumprindo os sagrados deveres que ella nos prescreve. O conhecimento da religião é a base da sabedoria humana: sem elle não ha virtude no homem, nem aquella felicidade que só fructifica no fertil campo da sabedoria.

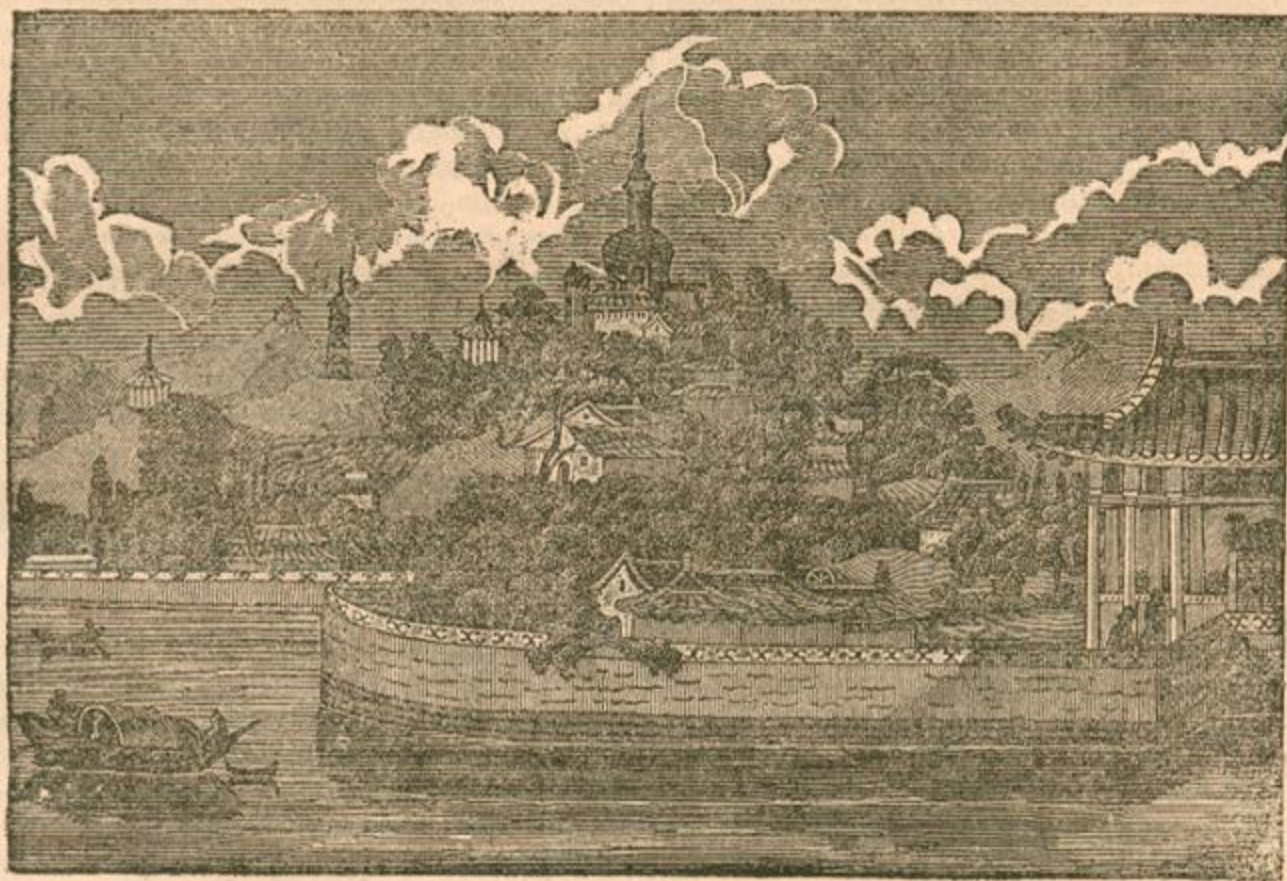
O empenho da religião consiste em melhorar a condição humana, exaltando-nos e aperfeiçoando a nossa natureza, ensinando-nos tambem o modo de amar, imitar e obedecer ao Creador. É igualmente o seu fim inclinar-nos ao amor do proximo, valendo-lhe e soccorrendo-o conforme os nossos meios e situação, e ensinar-nos a moderar e dominar nossas paixões, sujeitando os appetites ás leis da temperança.

A natureza deu-nos uma constituição e estrutura que nos torna dependentes uns dos outros para mutua conservação e vantagem; deste modo é nos absolutamente necessaria a sociedade, cujos laços são caridade e amor. A similhante respeito achâmo-nos todos nas mesmas circumstancias, visto termos identicas precisões e identica necessidade de coadjuvação.

O homem é portanto obrigado a considerar-se, pelas leis da natureza, membro deste corpo universal de que se compõe o genero humano, e foi enviado ao mundo para promover o bem e ventura dos

seus similhantes, tratando-os com amor, caridade e benevolencia — deveres a que nos obrigam os principios communs de humanidade. E com effeito nada póde ser tão agradável, nem concorrer mais poderosamente para o bem da sociedade em geral do que a mutua intelligencia e valimento dos individuos que nella vivem. Se a avareza, o amor proprio e outras paixões vergonhosas não vierem supplantar estas apreciaveis tendencias, os seus salutaes effeitos hão-de por nós ser necessariamente experimentados.

Como a pratica de taes deveres promove mais do que nenhuma outra cousa os interesses da sociedade, homem algum, sem offender as leis conservadoras da sua existencia, a sua razão e as proprias affeições, póde voluntariamente causar damno ao seu similhante. E se, vencendo meras e frivolas desintelligencias que muitas vezes se suscitam, os homens procurarem os meios de apertarem os vinculos de alliança fraterna, na conformidade das sublimes maximas da lei divina, qual não será a perfeição do estado social? — Se é certo que toda a congregação de individuos humanos é tanto mais vantajosa, para a communiidade geral e para os particulares, quanto mais fervoroso e desinteressado é o espirito de caridade que a anima, ninguem poderá negar que os dictames salutiferos da religião servem de poderoso auxilio aos conselhos da faculdade de raciocinar e aos ternos movimentos do coração, em materia tão importante, como o amor dos nossos similhantes e o sincero desejo de os beneficiar. Se podesse estabelecer-se uma sociedade com taes principios só a dos anjos lhe seria comparavel.



PEKIM, CAPITAL DA CHINA.

A RECENTE expedição dos inglezes, que entrou pelo coração do imperio chim, para manter á força aberta os interesses do commercio da Graã-Bretanha, chegando a obrigar o soberano a ceder na capital de seus estados ás exigencias da força invasora, convida naturalmente os leitores dos jornaes politicos a conhecer pelos livros a China e a sua cidade principal,

donde emanam as ordens do monarcha, regedor de tão vastos dominios. Se tratassemos d'antigas cousas as noticias dos nossos missionarios nos instruiriam; mas como o factó é contemporaneo, a China não é bem conhecida, e escrevemos para quem não possui ou não póde consultar bibliothecas, diremos em poucas palavras o estado presente de Pekim. — Esta cidade dista da

grande muralha (*) obra de 30 milhas: compõe-se de tres partes: a Zin-tcheu, ou cidade do throno; a Uailo-tcheu, ou cidade externa, e os doze suburbios: a primeira tambem se chama cidade dos tartaros, porque os habitantes são de origem manchùs, e a segunda, cidade dos chins por ser por estes habitada. Sabido é que os tartaros conquistaram a China e a dominam. Fortes muros circumdam as duas primeiras porções, mas duvida-se que para os defender seja sufficiente a fortaleza d'animo dos moradores ou de suas tropas. As estradas para a capital são calçadas, mas não o são da parte de dentro as ruas, pelo que as regam a miudo para appacar a poeira: das casas poucas ha que tenham dois andares. D'um e outro lado das ruas mais largas estão as lojas onde as fazendas se acham dispostas com grande ordem; a fachada destas lojas é guarnecida de columnas de madeira, pintadas de vermelho, de azul, e algumas douradas: n'alguns sitios atravessam as ruas arcos triumphaes, que tambem são de madeira, e formam tres porticos de volta redonda, sobre os quaes ha quartos ricamente adornados. Os edificios publicos, e as moradas dos particulares mais opulentos, estão situados nas ruas estreitas, as quaes, onde desembocam as mais espaçosas, tem portas, que se fecham á noite. Os palacios não aformoseam a cidade, porque são separados por paredes altas, que não deixam ver o pateo para onde abre a portada principal: são construidos de tijolos e cubertos de telhas cinzentas. Nenhum rio navegavel corre por Pekim: ha porem um canal estreito, chamado imperial, cujas aguas servem para varios serviços no paço do monarcha. Os habitantes usam d'aguas de poços, e muitos a mandam buscar fóra da cidade. Os edificios imperiaes são cubertos com telha amarella, os pertencentes aos principes com telha verde, e todos os mais com a cinzenta, como dissemos. Os templos, que não pertencem ao imperador, e tambem os conventos dos bonzos são pintados de vermelho. Pekim contem muitos palacios e templos, ornados de numerosas obras de marmore; e esta cidade, cuja extensão tem sido grandemente exaggerada, tem uma consideravel porção occupada por jardins, lagos, tanques e campos abertos. A cidade do throno, consta tambem de tres partes encerradas umas dentro das outras; no centro fica o palacio imperial, da fórma quasi d'um rectangulo, e cercado por uma mui alta muralha pintada de amarello: calcula-se a sua circumferencia em duas milhas e meia, e abrange, alem das casas de residencia do soberano, varios edificios publicos e armazens, com extensos jardins, lagos, e fontes, delineado tudo e desempenhado sem gosto. Nesta dilatada porção de Pekim se alojam tambem as oito divisões das tropas manchùs. Ha nella o notavel templo de Foe, com a estatua do idolo fabricada de cobre dourado, fingindo muito bem ouro, que tem mais de 60 pés de altura: comprehende-se no mesmo recinto a excellente praça situada ao pé do formoso outeiro de Zin.

A cidade dos chins é propriamente um suburbio, e a fecharam com muralhas sómente em respeito a estarem nella os dois templos principaes, onde o imperador deposita as suas offerendas: são espaços mui extensos, onde ha varias construcções e jardins: um chama-se *eminencia dos céus*, e é redondo, e o outro denomina-se templo da terra, tendo fórma quadrada, porque os chins pensavam que tal era a do nosso globo; a elle vai o imperador, acompanhado da côrte, uma vez cada anno, pegar na rabiça do arado, e dar um régo no campo, para honrar o mister de agricultor. Nesta segunda parte de Pekim fi-

cam os theatros, banhos, e outros estabelecimentos recreativos. N'um dos suburbios a leste ha um convento de bonzos onde está collocado o maior sino que dizem haver no mundo; quando o tocam, ouve-se por toda Pekim. Esta capital chim, pelo que affirmam viajantes modernos, em toda a vastidão que com seus numerosos arrabaldes occupa, conterà uns dois milhões de habitantes; postoque Staunton lhe dê tres milhões. Sobem ao numero de oitenta mil homens as tropas da guarnição.

BANCO DE LONDRES.

Os nossos leitores não deixarão de apreciar uma breve noticia deste admiravel estabelecimento, verdadeiro paladium do credito inglez, apoio do vasto commercio da Graã-Bretanha, e alma de quasi todas as grandes transacções pecuniarias da Europa. Apontar os differentes meios pelos quaes o banco influe na alta ou baixa dos fundos publicos, no giro dos capitaes empregados no commercio e na segurança do pagamento do juro da immensa divida nacional, é cousa mais custosa de fazer do que geralmente se pensa. É tarefa que requer vastos conhecimentos economico-politicos, e um genio transcendente que não podêmos lisongear-nos de possuir.

Limitar-nos-hemos, portanto, a dar uma ligeira noticia da sua fundação, primeiras transacções, e do que julgar-mos necessario para fazer conhecer aos nossos leitores aquelle emporio de riqueza publica. O banco d'Inglaterra, o maior centro de circulação de numerario na Europa, foi estabelecido em 1690 com privilegio real, segundo o plano de M. Patterson eminente financeiro escossez. O seu primeiro capital era de rs. 5,400,000 \$ 000, o qual em 1693 passou todo, por emprestimo, para as mãos do governo a juro de oito por cento ao anno, tendo assim principio a divida nacional no reinado de Guilherme 3.º, e sob os auspicios deste banco é que a monstruosa divida de Inglaterra tem crescido progressivamente do seguinte modo: —

Em 1693 era de réis . . .	5,400:000 \$ 000
” 1702 ————— . . .	73,776:159 \$ 000
” 1714 ————— . . .	243,653:953 \$ 500
” 1727 ————— . . .	234,415:071 \$ 000
” 1775 ————— . . .	578,626:357 \$ 500
” 1793 ————— . . .	1,077,075:666 \$ 000
” 1817 ————— . . .	3,317,271:146 \$ 500

Em 1833 Divida consolid.	3,393,452:470 \$ 500
Não consolidada	122,751:000 \$ 000

Total da divida réis . . . 3,516,203:470 \$ 500

O banco acha-se encarregado pelo governo do pagamento do juro desta divida em todos os trimestres, recebendo annualmente por este trabalho a quantia de réis 1,133,532 \$ 000.

Os interesses commerciaes do paiz subiram desde o estabelecimento do banco a um ponto que parece incrível. O primitivo capital de doze milhões de cruzados, isto é, o valor das primeiras acções do banco elevou-se em pouco tempo á subida quantia de 66,090,600 \$ 000 réis, de que se paga aos accionistas o juro de oito por cento, conservando o governo aquella quantia permanentemente como emprestimo. Poucos annos ha que o parlamento nomeou uma commissão para examinar o estado actual do banco d'Inglaterra, a qual commissão consultou sobre este

(*) Vid. a pag. 102 do 2.º vol.

ponto os directores do estabelecimento e capitalistas mais intelligentes do reino. Os documentos que então se apresentaram devem ser lidos por quem de-sejar instruir-se a fundo no systema monetario seguido neste importantissimo estabelecimento; e sendo quasi impossivel mencionar agora os diversos pontos sobre que versou aquelle exame, só traduziremos o ultimo § do relatorio da commissão, visto que a sua materia é de summo interesse publico. — « Quem lêr os esclarecimentos que a commissão obteve ficará plenamente convencido dos grandes meios que o banco d'Inglaterra possui para satisfazer os seus empenhos, e conhecerá igualmente o alto credito que elle deve merecer; porquanto delles resulta que alem de sobrarem annualmente nos seus cofres a quantia de réis 12,960,000 \$ 000 do juro que se paga aos accionistas, o estado deve ao banco a quantia de réis 65,488,500 \$ 000, o que somma rs. 78,448,500 \$ 000 que restam ainda depois de satisfeitos todos os seus encargos. Consistem as principaes funcções do banco d'Inglaterra, segundo a sua instituição no giro das suas notas, sendo alem disso o erario da nação e um deposito seguro do dinheiro dos particulares, que preferem mandar para alli os seus fundos a deposita-los nos bancos particulares. O banco d'Inglaterra faz outras transacções de grande monta: — é banco de descontos de letras de cambio em beneficio de negociantes e fabricantes, e igualmente trata de objectos relativos á divida nacional registando a transmissão de fundos publicos, e pagando aos portadores das apolices os juros nos respectivos trimestres. Nesta qualidade não é o banco mais do que um mero agente do governo, e assim — percebe as rendas do estado, paga aos empregados, e corre com os demais gastos das repartições publicas e com o risco das perdas por falsificações.

Talvez que muitos dos nossos leitores imaginem que da faculdade exclusiva de que o banco d'Inglaterra goza relativamente ao giro das suas notas [no que consiste a maior circulação de numerario no paiz] pôde facilmente abusar-se causando grandes perdas á nação, que parece viver e existir só de credito, movendo-se no vortice fluctuante do cambio. Ha nesta crença grande erro, discorrendo-se geralmente sobre tal ponto com mui pouco conhecimento de causa. Se o banco d'Inglaterra, por um desejo imprudente de desmedido lucro, tomasse excessiva quantidade de hypothecas, ou que para augmentar consideravelmente os seus interesses fizesse extraordinarios emprestimos á classe mercantil, ou se finalmente, por qualquer outra especulação, se visse obrigado a augmentar o numero de notas que tem annualmente em circulação, o juro ordinario do dinheiro baixaria proporcionalmente na bolsa, subindo por consequencia o preço das mercadorias. Como é natural, os capitalistas procurariam novos meios de empregar com proveito os seus fundos, e como os generos nas praças estrangeiras não podiam subir por não haver alli a mesma causa, os negociantes tirariam mais lucro em remetter ouro para a compra das fazendas importadas, pelo motivo de ter elle em paiz estranho um valor sempre igual. Dado similhante caso todos correriam ao banco com as suas notas para trocá-las, o que obrigaria este a declarar-se fallido. Os directores vendo que o metal se exauria, e temendo a quédia do estabelecimento levariam ao mercado os penhores accumulados, os quaes só mui depreciados conseguiriam vender sem que podessem evitar a apresentação das notas: — o banco perderia o credito, diffundir-se-hia por todo o reino um pânico commercial, e no meio de tal confusão pereceria o estabelecimento, arruinar-se-hia o commercio, e a nação inteira se resentiria de tão grande abalo.

Á vista das infalliveis consequencias que expomos, não deve reccar-se que a direcção do banco abuse do seu privilegio para emittir uma quantidade de notas que não possa trocar por metal. Se em quanto a especulações não ha perigo algum em depositar dinheiro no banco, menos o ha ainda pelo que diz respeito a transacções mercantis. — Este estabelecimento, vasto como é, acha-se de tal sorte montado, que não é possivel que um só dos individuos que o administram possa commetter malversação. Tudo o que se paga é em nome do governador do banco, á ordem do qual trocam os caixeiros as notas. — Em 1934 succedeu um caso nunca visto em Inglaterra, que foi a quebra e fugida para o continente do governador do banco: — todavia, honra lhe seja feita, nem um só shelling alli faltou, e nem um só proprietario ou depositario de dinheiro se inquietou ao contar-se-lhe tão inaudita occorrença. Por uma conta dada pelo banco de Londres á camara dos communs em 17 de Abril de 1834 sabemos que o numero de possuidores de apolices de divida publica era de 279,751, os quaes recebiam o juro na proporção do valor das suas apolices.

Se qualquer individuo não apresenta uma nota por haver sido destruida, desencaminhada, ou roubada, o banco lhe compensa o prejuizo. Ha alem disso nas provincias varios banqueiros particulares a quem é permittido girar com certo numero de notas por elles emittidas; e o que a similhante respeito acontece em Inglaterra succede igualmente na Escocia e Irlanda.

Tal é o grandioso estabelecimento cujas vastas operações abrangem o mundo inteiro — que soube resistir ás maiores alterações politicas da Europa — e que tem ligada á sua conservação a fortuna de centenas de familias espalhadas em todo o mundo.

AS HEROINAS DE MONÇÃO. (*)

QUANDO em 1659 um corpo de exercito castelhano sitiava apertadamente a praça de Monção, na provincia do Minho, fazendo-lhe constante fogo com cinco baterias, chegou a tanto o apuro dos sitiados que faltava quem guarnecesse os postos, por ser mui diminuta a guarnição, e cada dia rarear-se mais, crescendo o numero dos mortos e feridos. Acudiram porem, auxiliando a defensão, trinta mulheres, que haviam ficado na praça, capitaneadas por Helena Peres, viuva de João Felgueira, a qual com seu chapéu na cabeça e meneando um chuço conduzia as outras aos maiores conflictos, sem que demonstrassem indicios de temor. Acertou no ventre d'uma, por alcunha *a turca*, uma bala de artilheria; mas ella abraçando-se com as tripas pediu a levassem á igreja do Espirito Santo, para onde instantaneamente a conduziram, e alli ordenou que de um pouco de dinheiro que consigo trazia lhe mandassem dizer missas por alma, expirando em poucos minutos com notavel exemplo de constancia.

Era timbre das mulheres de Monção imitarem uma sua antiga patricia, por nome Deusadeu Martins, que em tempo das guerras d'elrei D. Fernando com D. Henrique 2.^o, de Castella, era casada

(*) Villa em uma eminencia proxima ás ribeiras do Minho, defronte de Salvaterra da Galiza, a seis leguas de Caminha para o Nascente e a duas de Valença. Querem os etymologistas derivar-lhe o nome de *mons sanctus*, monte santo, donde por abbreviatura se fez o nome de Monção. E' de remota origem, como a maior parte das da sua provincia; goza o titulo de *nobre e leal* e teve voto nas antigas côrtes dos tres estados.

com o capitão-mor, Vasco Gomes d'Abreu; e quando o adiantado de Galiza, D. Pedro Rodrigues Sarmiento, poz cerco a Monção, foi esta matrona causa, por industria e valor, de se levantar o sitio, merecendo que por brazão d'armas da villa ficasse um meio corpo de mulher com o letreiro — *Deusa-deu Martins* — este timbre andava pintado nas bandeiras da Camara, e todos os annos era estilo abrirem-se as pautas dos vereadores junto á sepultura da heroína.

Já em 1643, estando os nossos de posse de Salvaterra, villa de Galiza, alem do Minho, fronteira a Monção, e querendo os inimigos recupera-la, uma senhora praticára a acção varonil, que relataremos. O conde de Castello-Melhor governava por elrei de Portugal a villa de Salvaterra, e a tinha fortificado para dalli ameaçar todo o districto de Tuy, chave do reino de Galiza, mas tendo noticia que os contrarios estavam emboscados com grande poder a curta distancia da villa, espiando occasião favoravel de a investir, mandou o capitão Pedro de Betancor a reconhecer o campo; o nosso pequeno troço de gente foi subitamente accommettido pelas tropas inimigas em tamanha desproporção que, a não valer-se da aspereza do sitio, fôra em breve derrotado; o conde enviou a soccorre-los os soldados que tinha na praça; porem crescendo o numero dos aggressores, que estavam d'emboscada, se travou o conflicto por tal fórma que os nossos se viram em apuradissimas circumstancias. Quando laboravam no maior aperto acudiu-lhes a prudencia e animoso coração da mulher do governador, a condeça de Castello-Melhor, D. Marianna de Alencastre, que observando de Monção a peleja, baixou ao rio e fez conduzir com grande diligencia duas peças de artilheria, as quaes chegaram a tempo tão opportuno que foram causa de grande estrago nos castelhanos, obrigando-os a retirar-se, e desapressando os portuguezes do perigo em que se achavam mettidos.

DA PLANTAÇÃO DAS OLIVEIRAS.

TENDO noticia por alguns de nossos correspondentes que na plantação e amanho das oliveiras ainda em muitos districtos se estão seguindo praticas defeituosas, de que resultam graves prejuizos aos proprietarios dos olivae, exporemos a doutrina dos melhores auctores na materia, com o sincero desejo de que aproveite, e venha a melhorar-se a cultura de uma tão preciosa arvore, que tão bem se dá neste nosso clima meridional, e tão importante é que o judicioso Columella, antigo mestre de agricultura, não duvidou chamar-lhe a principal entre todas as arvores.

As oliveiras se plantarão em covas, abertas com muita antecedencia, para aproveitarem a benigna influencia dos meteoros; para se curtir a terra, como dizem os nossos lavradores: as covas melhores serão quadradas que redondas: não é muito terem 10, 12 palmos de comprimento e 5 ou 6 de fundo: nos terrenos magros, pedregosos, de greda, &c. devem ser maiores que nos pingues e fortes. Antes de plantar as arvores deve cavar-se o fundo da cova e deitar-lhe em cima alguma terra com relva se a houver, quando não, uma camada d'estrume bem curtido; qualquer das duas cousas attrahe as novas raizes e as obriga a enterrar-se, depois se deita a terra da circumferencia até a altura, que parecer precisa. Posta a arvore em situação, lhe disporemos as raizes com igualdade, para que todas se cravem no terreno amanhado, e não fiquem em maior numero de um que do outro lado, depois introduziremos terra por baixo e

á roda das raizes de forma que não fique vão algum. Se ha folhelho de cereaes, ou palha cortada miudo, com isto faremos uma camada por cima da terra das raizes, afim de conservar inferiormente alguma humidade. Ou a plantação se faça antes ou depois do inverno, é bom regar o pé da arvore, para que a terra abata e se ajuste ás raizes; o que se não deve fazer se for inverno e correr o tempo frio: se for na primavera, precisa-se grande rega, depois desta acaba-se de encher a cova com a terra da circumferencia. Ha o costume errado de ficar a terra ao pé da arvore mais alta que a restante; deve ser o contrario, para que a planta aproveite a agua da chuva. Auctores ha que aconselham, e com fundamento, que querendo se pôr uma oliveira no logar, onde outra morreu, devemos abrir uma cova grande, e deixa-la aberta por um anno inteiro.

As oliveiras devem ficar em linha, quando queremos semear grão por baixo; ou em *quincunce* (1), quando se forma olival. A distancia entre pé e pé d'oliveira depende da qualidade do terreno e profundidade da primeira camada; se esta assenta em outra de argilla, gesso &c., é claro que a distancia deve ser maior, porque as raizes se estenderão horisontalmente em busca de alimento: se o terreno é magro, pobre, e frio, a distancia deve tambem ser grande; assim como se elle for pingue e substancial, porque as raizes e ramos tomam então uma grande extensão. Em geral pode perder-se muito por estarem as oliveiras bastas e nada por estarem largas: as arvores vegetam melhor, quando os seus ramos não tocam nos ramos visinhos; não só porque onde as arvores se tocam não vingam as flores, como porque estendendo-se as raizes na proporção dos ramos mutuamente se prejudicam, resultando ser muito menor a colheita da azeitona.

Se a estas considerações ajuntarmos a da perda, mui grande para o proprietario e para o paiz em geral, de dar um terreno somente azeite, podendo dar pão ao mesmo tempo, e vir-mos que a produção da azeitona é muito maior nos campos agricultados que nos pouzios, concluiremos que á excepção dos terrenos, ou muito magros ou tão declives que não possam semear-se, todos os olivae devem ser postos em linha para se lhes semear cereaes. Sendo o torrão fertil não é excessiva a distancia de 6 a 7 braças de pé a pé, e sendo a terra de qualidade mais inferiôr, 4 a 5 braças bastam. Como as arvores se plantam quando tem sido *coroadas*, decotadas do luxo da ramagem, a distancia entre os pés parece enorme e chora-se o terreno perdido, mas deixem-as copar e o defeito da perspectiva desaparecerá.

Querem uns que as oliveiras se plantem no fim do outono, e outros que na entrada da primavera. Os primeiros tem mais rasão, porque a plantação aproveita as chuvas do inverno, e nesta estação a arvore trabalha por collar as raizes á terra, e chegando á primavera pode bem desenvolver os ramos. Comtudo não negaremos que n'algumas terras, dadas as circumstancias do clima, seja mais feliz a plantação na primavera: note-se porém que a necessidade da rega deve entrar em conta nesta preferencia d'estação. O proprietario em tal caso se poderá guiar pela experiencia do seu districto, se não fôr claramente contraria á rasão. (2)

(1) Chamam *quincunce* á plantação de arvores, cinco a cinco, distribuidas de modo que das cinco quatro façam um quadrado, uma em cada angulo, ficando a quinta no meio, igualmente distante de cada uma das quatro.

(2) Já daqui advertimos os leitores, interessados neste assumpto, de que no 4.º vol. do Diccionario d'Agricultura pelo Sr. Soares Franco, e nas Memorias sobre a cultura d'o-

A REPUTAÇÃO.

Logo na idade infantil apparece o amor da estimação publica e dos applausos: o desejo de boa reputação, se nos é licito exprimir-nos assim, nasce conosco; este desejo é uma voz intima com que nos avisa a natureza. A reputação satisfaz o verdadeiro sabio, porque tudo o mais a seus olhos é vão e frivolo. As riquezas são perigosos escolhos, onde a virtude naufraga: os prazeres de ordinario se convertem em passatempos criminosos; e o emprego do talento degenera por ser um fecundo manancial d'invejas e odios. A propria vida é um sonho que n'um momento se esvaece; porem a reputação, ou boa fama, é um bem perduravel e lisongeiro, porque nos reproduz, quaes somos e com macula, nos logares aonde não apparece a nossa presença. É por isso dobradamente atroz o crime do calumniador, que toma por alvo de suas iniquas diligencias minar e destruir a reputação mais solida, ridiculisando-a com o fim de escurecer o merito e a virtude: mana dos labios do homem, affeito a calumniar, funestissimo veneno: ás vezes até o seu silencio, as suas reticencias com affectados meneios e ademanos são mais terriveis que os virulentos discursos, que repete. Finge um homem destes sinceridade no procedimento; mas quem o chegar a conhecer, e o souber avaliar, fugirá delle como de empestado. É traidor a ponto de louvar na presença a pessoa, cujo credito na ausencia não poupa.

Se pelo que vemos a calumnia é vil e detestavel, se ninguem quereria ser alvo dos seus tiros, porque rasão em sociedades, que se vangloriam de civilisadas, se consente sem indifferença culpavel, se não com assentimento, que as reputações alheias sejam infamadas, ás vezes só pelo gosto de ouvir um bom dito? — Attente o descuidado, que ri quando de pessoas ausentes e que o não merecem se moteja, que o truão, que um momento o divertiu, passará dalli para outra assembléa, onde taes cousas dirá do complacente ouviante, que se elle as souber o farão chorar.

Anecdota. — Dizendo alguns amigos a Catão, o mais velho, que nas praças de Roma se haviam erigido arcos triumphaes e estatuas a outros varões illustres, e delle se haviam esquecido, respondeu: *maior credito meu é que perguntem os vindouros, porque me não pozeram estatua do que, porque a pozeram.*

Perguntar porque a pozeram suppunha ignorancia ou esquecimento dos seus meritos: perguntar porque a não pozeram suppunha conhecimento e memoria delles, e estranhez da desattenção do magistrado em não premia-los: e quem duvida que mais esclarecidas são as obras que lembram para demandar o premio do que as que se inquiram para justifica-lo? Com esta resposta de Catão, contentando-se com o merecimento e desprezando o premio, se parecem as do caso seguinte. Visitava certo religioso a casa d'uma grande senhora deste reino, a que costumavam dar *excellencia*, mas elle lhe não dava mais que *senhoria*: e como não procedia a falta de ser descortez, senão de inadvertido ou demasiadamente lhano, entrou um dia dando-lhe *excellencia*: disse ella: *mui liberal vem hoje o padre*: — respondeu o religioso para restaurar as quebras passadas: *magestade desejo eu dar quanto mais excellencia.* — *Ainda ha mais que magestade* replicou a senhora. — *Ainda mais?*

liveira e manufactura do azeite por Dalla Bella, publicadas pela Academia das Sciencias, acharão importante materia para seu estudo e para a applicação pratica.

como pode ser? — *« Merecê-la. Estava presente uma filha da casa, pessoa discreta, e acudiu dizendo: Ainda ha mais que merecê-la: — « Como assim? — disse a mãe: e ella concluiu: recusa-la.*

Singularidades. — Não ha homem, por vulgar que seja, que não tenha o que chamâmos *balda*, e bem lhe vai a elle e tambem á sociedade, quando a balda não passa de uma mania ridicula, de um habito ou exquisitice indifferente. Os mais illustres heroes, os mais insignes escriptores incorreram, mais ou menos, n'algun defeito inherente á fragilidade humana. — Citaremos alguns exemplos, porque em fim são cousas que não deshonram ninguem. —

O thebano Epaminondas, heroe das batalhas de Leuctra e Mantinéa, tão memoravel por feitos d'armas, como por virtudes, de quem diz um historiadador latino que era tão amante da verdade que nem por brincadeira mentia, tinha tambem a sua balda: folgava muito de ir cantar aos festejos das aldêas.

Quem visse na praia do mar dois barbados divertindo-se em fazer ricochetes com pedrinhas pela superficie das aguas, acreditaria que esses dois homens fossem os dois intimos amigos, Scipião e Lelio? — Pois realmente eram esses dois nomeados romanos, que na vaga dos negocios se entretinham em tão pueril exercicio, em quanto fervia a panella, como diz Horacio. —

O celebre Augusto Cesar mostrou tanto pesar, morrendo-lhe uma codorniz que creára, que maior lhe não divisariam, se tivera perdido a batalha d'Accio.

Sabida é a hostil antipathia de Domiciano com as moscas, que passava horas inteiras a mata-las encerrado no seu quarto: mas não admira que este monstro de infamia e crueldade tomasse tal desenfado, porque não era balda, era ensaio para as tyrannias de que foi criminoso. Assim mesmo esta antipathia do ferino imperador romano contra um insecto, que incommoda, não é tão extravagante como a do grande philosopho o chanceller Bacon com as rosas, que tão agradaveis são á vista pelo brilho e viço das côres, como ao sentido do olfacto pela fragrança dos aromas, que exalam: salvo se a aversão que Bacon tinha ás rosas procedia do tedio que lhe causavam os máus versos que os poetas da sua epocha faziam a essa flôr mimosa.

Alexandre Severo, que tambem cingiu a corôa de Roma, que no seu camarim particular, abnegando o culto mythologico do paganismo, fez uma collecção de deuses exóticos, escolhendo-os entre os mais afamados sabios da Grecia, era preocupado por outra mania, mais difficil d'explicar: gostava de ver pelegar cães d'agua com marrões, ou porcos pequenos; e para esse fim os industriava. O grande naturalista Buffon, que por certo conhecia bem a historia antiga, nunca de tal cousa se lembrou para a pôr em pratica: comtudo não deixava de ser entusiasta apreciador dos leitões de côr preta; e isto era tambem mania, porque tratando largamente do porco, em sua obra magistral, não dá, nem poderia dar rasão do seu gosto.

O que o genero humano sabe é pouco; o que deseja saber, muito; o que ha de sempre ignorar, infinito.

O fraco offendido atraíçoa; o forte e magnanimo perdoa.